



ALÉM DAS FORMAS –
INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO
CONTEMPORÂNEO NO DESIGN,
NAS ARTES E NA ARQUITETURA

ZIBEL COSTA, CARLOS. SÃO PAULO:
ANNA BLUME/FAUUSP, 2010 P. 230.

ISBN: 978-85-391-0001-9

Milena Szafir

pós- 269

ATLAS DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO:
CARTOGRAFANDO DISCURSOS

(1) Dois termos muito utilizados e que Zibel faz questão de denunciá-los, clareando-os.

O texto, envolto em citações (com suas fontes – notas – minuciosamente apontadas), revela-se como um diálogo com o leitor, na medida em que compartilha outras leituras em si mesmo, sabendo-se, assim, de onde se fala e convidando o leitor a uma memória ou busca necessária ao diálogo que se pretende travar. O texto ainda tenta eximir-se de uma postura político-ideológica como conceito intrínseco ao “contemporâneo”, mas revela logo diferentes posições e mecanismos de poder – biopolíticas – a partir de seu percurso, passando por Lucrécia Ferrara, Agnaldo Farias, Ana Mae Barbosa, Erminia Maricatto, Maria Angela Faggin, Renato Mezan e Kate Nesbitt, entre tantos outros. Zibel escreve na velocidade de um *twitter*, o que não significa sem reflexão e conhecimento. Já as imagens não afiguram simplesmente, ou seja, não servem somente à escrita, mas dialogam com esta e estabelecem, assim, um funcionamento de teia, entorno. É interessante ver um Zibel, que sempre aglutina e conecta pessoas, agora então como um aglutinador de pensamentos e suas propostas.

Como um livro-resposta a anos de FAUUSP, demonstra como as disciplinas acadêmicas necessitam apresentar novos olhares e perspectivas a seus estudantes, ou seja, o que vem depois do tão aclamado modernismo (ou modernidade¹)? Zibel aponta, portanto, um conciso histórico dos percursos que nos trazem até os dias atuais. Do modernismo (e sua ideia de “novidade”) ao pós-modernismo que acarreta no “contemporâneo”.

O livro se divide em quatro capítulos. No primeiro, “Para entender a cultura e o período contemporâneo”, já figuram, juntas, imagens da Tomada do Reichstag (1945), maio de 1968, Artur Barrio (1969) e Queda do Muro de Berlim (1989) como fatos que marcaram a transição do modernismo para o pós-modernismo e deste para o atual “contemporâneo”, aliados a Gilbert&George, Lina Bo Bardi e Le Corbusier. Ao falar “sobre pós-estruturalismo” (capítulo 2), Zibel reflete sobre o

período que explicitou as relações (jogo de forças) como ponto de partida para a compreensão do uno e do todo, como se estabelece “a verdade” e trata-se de articular o que há “de mais essencial” na filosofia e sua história: *“Emergem daí possibilidades que vêm sendo exploradas nas várias disciplinas do conhecimento: a questão da afeição, da intertextualidade, da crítica cultural... das fronteiras móveis... do nomadismo ... da estética do sublime,... entre outras, que contribuem para a compreensão crescente que a tendência conceitual pós-estruturalista conquistou desde a década de 1960.”* (p. 78)

No terceiro capítulo, “Outros conceitos contemporâneos de interesse”, utiliza-se como fio condutor oito expressões recorrentes durante a virada dos séculos 20 para o 21: complexidade, rede, rizoma, híbrido, virtual, sustentável, dobra e afetividade, em que a atualidade é dominada por *“uma espécie de flaneur tecnológico”* (p. 101). O quarto e último capítulo é dividido em “três ensaios críticos”: 1. Tela, 2. Objeto e 3. Projeto; tomemos este último para análise por sua importância interdisciplinar, em que arquitetura, design e artes cada vez mais se encontram².

No Brasil, “por sua contribuição afetiva às artes contemporâneas”, Zibel cita Hélio Oiticica, Leonilson, Emmanuel Nassar, Cildo Meireles, Adriana Varejão, Valeska Soares, Tunga, Nuno Ramos, Guto Lacaz, Alexandre Orion, Ernesto Neto, e vai além, chegando à arte da grafiteagem e pichação que, na atual conjuntura contemporânea, *“transforma seus autores, que agora se identificam como artistas com valor de mercado, e os leva a ser devidamente cooptados pelo sistema de arte, com galerias exclusivas e representantes legais”* (p. 179). Como um apontamento dos discursos mais insipientes na cultura “globalizada”, percebe-se um Brasil que se encaixa perfeitamente em discursos franceses e norte-americanos, entre outros, pois é exatamente na esteira de Debord e dos situacionistas que jovens coletivos vêm atuando desde o início do século 21: *“Da*

(2) As três disciplinas são projetuais, assim como também assistimos a uma convergência cada vez maior entre as artes e as ciências da comunicação.



Figura 1: Obra – Ação de mm não é confete
Fonte: e-flyer divulgação de “Performances Panópticas – Surveillance Wireless Vj’ing Performance” no 4Hype, 2005 (discussão a respeito do projeto arquitetônico “Panóptico de Bentham – século XVIII” –, a partir da metáfora-conceito muito bem proposta por Foucault na década de 1970 e da proposição – manifesto “espetáculo + vigilância = consumo”). Na foto: Mariana Kadlec

postura muitas vezes politizada, mas dificilmente partidária, os coletivos têm repensado o fazer artístico, agora imbuído da ideologia e da vitalidade que haviam se perdido desde os primeiros happenings e intervenções, ainda na passagem desiludida da época pós-moderna para a contemporaneidade. ... Os coletivos de arte tendem a se aglutinarem em prática política-estética” (p.184-186) e, assim, merecem destaque trabalhos contemporâneos de jovens coletivos brasileiros, apontados por Zibel na página 185, como um dos proponentes ao festival 4Hype em São Paulo no ano de 2005 (mm não é confete).

“Hoje, se consegue perceber mais nitidamente que, algumas das inovações formais, por sua ampla divulgação e reconhecimento na mídia geral e na especializada, ofuscaram outros efeitos dos pensamentos contemporâneos, por vezes mais profundos, que reverberaram na cultura e na sociedade atual.” (p. 11)

Zibel fecha, então, o último capítulo, havendo passado pelas três reuniões projetuais que envolvem parte da interface da cultura na sociedade (arte, arquitetura e design) em um período de 1956 a 2006. Cultura essa criada por uma sociedade a qual, nestes 50 anos, passou a lidar com a diferença (em contraponto à igualdade e ao unitário), com o “outro” em toda a sua complexidade. Percebe-se que os planos e ações de uma política pública, o que envolve arquitetura e urbanismo, não se fazem como meras atividades técnicas e necessárias, mas estão calcadas em processos que envolvem mecanismos de poder e suas relações com a vida (p. 71). Assim, o livro aposta em uma questão de educação em seu sentido de formação em um rol “básico” da cultura em andamento. Um livro de referências sobre o que seria nossa contemporaneidade”, portanto.

Milena Szafir

Pesquisadora pela Capes, educadora e artista multimídia. Foi aluna na FAUUSP (1997-2003), designer, fotógrafa, jogadora de futebol do Gfau, coordenadora do Cinefau e autora de projetos premiados como “Que situação, hein Debord?” (CCBB, 2006) e “Manifeste-se [todo mundo artista]” (FMB e Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 2006). Atualmente, finaliza estágio em docência e mestrado no departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP. Disponibiliza conteúdos públicos em <http://blog.manifesto21.com.br/>.
milena@manifesto21.com.br